



ISSN: 2595-5713
Vol. 05 | Nº. 9 | Ano 2022

Lucas Mello Neiva

REPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA E HIERARQUIAS RACIAIS EM TERRAS EXTRANHAS, DE OSWALDO STORNI (1936-38)

REPRESENTATION OF AFRICA AND RACIAL HIERARCHIES IN TERRAS
EXTRANHAS, BY OSWALDO STORNI (1936-38)

RESUMO: O presente trabalho tem como objeto a representação da África e a construção de hierarquias raciais no quadrinho Terras Extranhas, de Oswaldo Storni, publicado na revista O Tico-Tico entre os anos 1936 e 1938. O quadrinho conta a história do explorador inglês George Spot, sua esposa Maria e o guia Miquimba que se aventuram no continente africano em busca de tesouros “perdidos”. No estudo, dialogamos com autores dos campos da historiografia da Cultura Visual, das pesquisas sobre questões raciais e dos trabalhos sobre quadrinhos, para discutir os diferentes recursos empregados por Storni na representação da África e das hierarquias raciais.

PALAVRAS-CHAVE: África; Racismo; História em Quadrinhos.

ABSTRACT: This article aims to study the representation of Africa and the construction of racial hierarchies in Terras Extranhas comics, by Oswaldo Storni, published in O Tico-Tico between 1936 and 1938. The comic tells the story of the English explorer George Spot, his wife Maria and the guide Miquimba, who venture to the African continent in search of “lost” treasures. In the study, we dialogue with authors from the fields of Visual Culture historiography, Racial Studies and Comic Studies, to discuss the different resources used by Storni in the representation of Africa and racial hierarchies.

KEY WORDS: Africa; Racism; Comic Strips.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre Antônio Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

REPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA E HIERARQUIAS RACIAIS EM TERRAS EXTRANHAS, DE OSWALDO STORNI (1936-38)

Lucas Mello Neiva ¹

Introdução

A história em quadrinhos *Terras Extranhas*, de Oswaldo Storni, foi publicada no semanário infantil *O Tico-Tico* entre os anos de 1936 e 1938. O quadrinho conta a história do explorador inglês *George Spot* que, acompanhado por sua esposa *Maria* e o guia *Miquimba*, um homem negro escravizado, se aventura em uma África “extranha”, habitada por seres fantásticos, monstruosos e selvagens, enfrentando os diferentes perigos do continente em sua busca por tesouros “perdidos”.

Neste artigo buscamos analisar a representação da África e a construção de hierarquias raciais no quadrinho de Storni. Primeiramente, fazemos uma breve contextualização da publicação de *Terras Extranhas*, em que discutimos duas questões principais: a relação entre *Terras Extranhas*, *O Tico-Tico* e o mercado de quadrinhos nos anos 1930; e a integração de *Terras Extranhas* ao imaginário racista vigente no Brasil do período. Em seguida, prosseguimos com a análise de alguns trechos selecionados do quadrinho, para refletir sobre o modo como a caracterização do continente africano e da racialidade dos personagens é mobilizada por Storni no desenvolvimento de diferentes convenções da aventura na selva, como os padrões narrativos, os temas, cenários e tipos de personagem. Na reflexão, empregamos como fonte os números de *O Tico-Tico* presentes no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

***Terras Extranhas*, *O Tico-Tico* e o mercado de quadrinhos nos anos 1930**

A revista *O Tico-Tico* foi uma das primeiras publicações periódicas voltadas para o público infantil no Brasil. A revista era uma publicação da *Sociedade Anônima O Malho*, do Rio de Janeiro, e foi lançada em 1905 com o subtítulo *O Jornal das Crianças* (SANTOS, 2012, p. 15). Conforme a historiadora Patrícia Hansen, o mercado editorial brasileiro começava a desenvolver um caráter mais empresarial, com a segmentação dos públicos aos quais os periódicos eram voltados (HANSEN, 2008, p. 45). Nesse sentido, o lançamento de *O Tico-Tico* pode ser interpretado como uma expansão da *Sociedade Anônima O Malho* junto ao segmento

¹ Mestre em História Social (FFLCH-USP). lucas.mello.neiva@gmail.com No presente artigo, apresentamos reflexões associadas à pesquisa de mestrado sobre processos de visualização racial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940, realizada com bolsa CAPES, sob orientação da Profa. Dra. Solange Ferraz de Lima.

infantil. A empreitada foi um sucesso e *O Tico-Tico* estabeleceu-se como um dos principais periódicos do mercado.

Para Ana Luiza Martins (2008), o sucesso de *O Tico-Tico* era tanto que a revista era lida também por adultos. Conforme a autora, “com nova proposta gráfica, em quadrinhos e colorida, a revistinha alastrou-se pelo País, referência quase exclusiva de leitura periódica dos mais díspares leitores” (MARTINS, 2008, p. 410). A frase de Ruy Barbosa, “Isto eu li no Tico-Tico” (MARTINS, 2008, p. 410), é um exemplo simbólico que ajuda a ilustrar a popularidade de *O Tico-Tico*, principalmente entre as classes médias e altas da população. Nas primeiras décadas do século XX, *O Tico-Tico* era um semanário publicado toda quarta-feira. A revista podia ser adquirida de forma avulsa e por assinatura. As assinaturas podiam ser realizadas no território nacional e, também, internacionalmente, permitindo ao periódico atingir um público amplo para o período.

O projeto editorial de *O Tico-Tico* dialogava com os modelos vigentes na Europa. Seu formato de publicação e disposição gráfica se baseou nos moldes de publicações periódicas infantis europeias, como a inglesa *The Boy's Own Paper* e a francesa *La Semaine de Suzette* (SANTOS, 2012, p. 26). Assim como as revistas infantis da Europa, *O Tico-Tico* preenchia suas páginas com conteúdos diversificados, voltados para o entretenimento e instrução dos jovens leitores, como histórias em quadrinhos, contos, jogos, brinquedos de montar e materiais educativos. A referência ao modelo europeu evidenciava-se, também, na forma como os quadrinhos eram editados. Era comum, por exemplo, que histórias em quadrinhos estadunidenses fossem editadas de modo a retirar os diálogos dos balões e inseri-los abaixo das imagens, nas legendas. Com isso, até mesmo os quadrinhos provenientes dos Estados Unidos eram enquadrados nos modelos europeus.

Entre os diferentes conteúdos publicados na revista, os quadrinhos cômicos eram os que mais recebiam destaque. Já nos primeiros anos de publicação o personagem cômico *Chiquinho*, originalmente um decalque do americano *Buster Brown*, tornou-se praticamente um símbolo da revista, aparecendo não somente nos quadrinhos, mas também nas capas, em ilustrações avulsas, jogos, brinquedos de montar e em propagandas em que convidava os leitores a comprarem produtos variados, entre eles o próprio *O Tico-Tico* e o famoso almanaque de fim de ano. Para além de *Chiquinho*, *O Tico-Tico* publicou inúmeros personagens cômicos que também se tornariam amplamente populares, como *Zé Macaco* e *Faustina*, de Alfredo Storni, *Jujuba*, *Carrapicho* e *Lamparina*, do J. Carlos ou *Bolão*, *Azeitona* e *Réco-Réco*, de Luiz Sá. Nos anos 1930 mudanças no mercado, como o declínio do modelo editorial europeu, a popularização do modelo estadunidense e o aumento da concorrência decorrente do surgimento de novos periódicos levaram *O Tico-Tico* a adotar novas estratégias editoriais.

O espaço da revista no mercado começou a se reduzir a partir de 1934, com o lançamento de *O Suplemento Juvenil*, editado por Adolfo Aizen, periódico que trazia em suas páginas quadrinhos de aventura que faziam sucesso nos Estados Unidos, como as histórias de aventura na selva, ao estilo de *Tarzan* e *Jim das Selvas*, de aventura no espaço, como *Buck Rogers* e *Flash Gordon*, de detetive, como *Dick Tracy*, e muitas outras (SANTOS, 2012, p. 29). Seguindo o sucesso comercial de *O Suplemento Juvenil*, periódicos já existentes, como *A Gazetinha*, suplemento infantil do jornal paulista *A Gazeta*, começaram a publicar quadrinhos de aventura dos Estados Unidos. Em 1935, por exemplo, *A Gazetinha* começou a publicar o quadrinho *Ted, o Caçador de Feras*, e em 1936 trouxe para o Brasil os quadrinhos de *O Fantasma*. Além disso, novos periódicos foram lançados, privilegiando igualmente a publicação de quadrinhos de aventura no modelo estadunidense e acirrando ainda mais a competição no mercado. Em 1937 foram lançados *Mirim* e *O Globo Juvenil*; em 1938, *O Lobinho*; em 1939, *Gibi*; e em 1940, *O Gury* (SANTOS, 2012, p. 30-33).

Com as mudanças no mercado editorial, *O Tico-Tico* também começou a publicar histórias em quadrinhos de aventura, dialogando com o modelo estadunidense. As mudanças editoriais foram acompanhadas, contudo, de manutenção de algumas características tradicionais da revista. O quadrinho *Terras Extranhas* teve importância considerável na estratégia empreendida por *O Tico-Tico* para responder às mudanças do mercado. A história começou a ser publicada no dia 11 de novembro de 1936, sendo um dos primeiros quadrinhos de aventura dessa nova fase da revista. O lançamento da história recebeu grande destaque, sendo anunciado, inclusive na capa de *O Tico-Tico* (Figura 1).

A nosso ver, a presença de *Terras Extranhas* na capa de *O Tico-Tico* atesta para a relevância da história e pode ser considerada uma evidência das mudanças nas políticas editoriais da revista. Segundo Sophie Van der Linden (2011), as capas têm lugar de destaque em uma publicação por estabelecerem os primeiros olhares e contatos do leitor (2011, p. 57). Conforme a autora, a capa é um espaço determinante para o estabelecimento de um pacto de leitura, dado que transmite “informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero... situando assim o leitor numa certa expectativa” (2011, p. 57). Dessa forma, com o anúncio de *Terras Extranhas*, *O Tico-Tico* apresentou-se ao público como publicação semelhante ao *Suplemento Juvenil*, prometendo-lhes a leitura dos mesmos tipos de história de aventura encontradas no periódico de Adolfo Aizen. A cena do herói de *Terras Extranhas*, paramentado com vestes de explorador e equipamentos como capacete, mochila, cantil e pistola, enfrentando “selvagens” negros em um cenário de natureza, assemelhava-se muito com as cenas de histórias populares do *Suplemento Juvenil*, como *Jim das Selvas* ou, então, *Tarzan*.

Para além da cena de luta e dos tipos de personagens típicos das histórias de aventura, o estilo gráfico empregado no desenho de Storni também sinaliza para o modelo dos quadrinhos de aventura estadunidenses. Até então, era comum que as capas de *O Tico-Tico* fossem desenhadas em estilos cartunescos ou caricaturais, tipicamente empregados em quadrinhos cômicos. Com o anúncio de *Terras Extranhas*, *O Tico-Tico* apresentou aos leitores uma capa desenhada no estilo realista, típico dos populares quadrinhos de aventura dos Estados Unidos. Conforme Santos (2015), “entende-se o estilo gráfico do desenhista a maneira como ele utiliza técnicas e recursos, como o traço (grosso ou fino), as hachuras, as sombras e as cores, objetivando personalizar seu trabalho” (2015, p. 44). No estilo gráfico realista, “o artista pretende representar com fidelidade personagens e objetos, empregando técnicas como a perspectiva e os estudos de anatomia e fisionomia” (2015, p. 44). Já o estilo gráfico cartunescosco, “diferencia-se do realista no que se refere à anatomia: os personagens são desenhados com nariz grande e redondo, os olhos podem ter só as pupilas, a cabeça é grande e o corpo, menor, não obedece às proporções normais.” (2015, p. 45).

Também podemos considerar a longevidade de *Terras Extranhas* como evidência da importância do quadrinho na política editorial de *O Tico-Tico*. A história de Storni foi publicada em 108 capítulos, entre novembro de 1936 e dezembro de 1938. Novamente, trata-se de um exemplo do investimento no modelo estadunidense dos quadrinhos de aventura. As histórias cômicas, até então predominantes em *O Tico-Tico*, costumavam apresentar narrativas curtas que ocupavam apenas meia página ou uma página da revista. Com *Terras Extranhas*, *O Tico-Tico* iniciava a publicação de uma narrativa longa, semelhante às tiras seriadas de aventura dos Estados Unidos, em que a narrativa avançava um pouco toda semana, de capítulo em capítulo. Assim como as histórias estadunidenses, era comum que os capítulos de *Terras Extranhas* se encerrassem com *cliff-hangers*, instigando os leitores a verificar o desfecho da ação no próximo capítulo.

Para além destes pontos, *Terras Extranhas* foi publicada majoritariamente em páginas coloridas, outro indício do destaque do quadrinho em *O Tico-Tico*. Apenas uma pequena quantidade das páginas de *O Tico-Tico* no período era publicada em cores: cerca de 8 em 36, contando capa e contracapa. Se considerarmos que outros quadrinhos tipicamente publicados em páginas coloridas eram de personagens consagrados, como *Lamparina*, personagem cômica do aclamado J. Carlos, podemos dimensionar a importância do destaque dado ao quadrinho de Storni no periódico.

É preciso considerar, ainda, que se por um lado *Terras Extranhas* dialogava com o modelo estadunidense em voga, também mantinha conexões com a tradição da revista. Isso pode ser percebido, primeiramente, na escolha de Oswaldo Storni como nome de destaque para

encabeçar o novo momento editorial de *O Tico-Tico*. Oswaldo era filho de Alfredo Storni, artista presente nas páginas de *O Tico-Tico* desde seus primeiros anos de publicação. Alfredo Storni pai era muito conhecido pelo público, sendo consagrado pela criação de personagens cômicos icônicos como *Zé Macaco* e *Faustina* e também pelo período em que ficou encarregado da criação das histórias de *Chiquinho*. Assim, a escolha de Oswaldo Storni como figura de destaque no novo momento editorial deve ser vista como estratégica, pois estabeleceu um vínculo entre os novos conteúdos e a tradição de *O Tico-Tico*. Para além dessa conexão, outras características de *Terras Extranhas* também remetem ao modelo editorial antigo. Uma característica marcante é o uso reduzido de balões de diálogo, sendo que quase todo texto escrito é apresentado nas legendas, como se pode observar em vários dos exemplos apresentados neste texto (Figuras 3 a 13).

Terras Extranhas situa-se, dessa forma, entre o novo e o tradicional, no esforço de *O Tico-Tico* adaptar-se às mudanças do mercado editorial. À esteira de *Terras Extranhas*, a revista publicou uma quantidade significativa de quadrinhos de aventura entre o meio e o fim dos anos 1930. Contudo, conforme observam autores como Waldomiro Vergueiro, Worney Almeida de Souza e Nobuyoshi Chinen (2005), as mudanças editoriais não duraram muito e no começo dos anos 1940, *O Tico-Tico* retornara à manutenção do modelo tradicional, reduzindo o espaço dos quadrinhos de aventura (VERGUEIRO; SOUZA, 2005, p.206-208; CHINEN, 2005, p. 111).



Figura 1: Capa com anúncio de *Terras Extranhas*, de O. Storni. *O Tico-Tico*, n. 1624, 18/11/36. Acervo digital FBN.

Terras Extranhas, O Tico-Tico e o imaginário racista no Brasil nos anos 1930

No Brasil durante a década de 1930 circulavam imagens que, em nossa interpretação, integravam-se aos processos sociais de produção e reprodução de hierarquias raciais na sociedade, participando da construção da estrutura social racista no país. Partimos do pressuposto, amplamente difundido nos estudos das relações raciais, de que não existem raças humanas enquanto realidades biológicas, apenas como construções sociais. Empregamos como referências as noções de raça e racismo apresentadas por Silvio Almeida em *Racismo Estrutural* (2019). Para Almeida, raça “não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado” (ALMEIDA, 2019, p. 24). Ainda conforme Almeida, racismo pode ser definido como “*uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem*”² (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Ainda, tomando como referência as considerações de Solange Ferraz de Lima (2014), entendemos que o imaginário “pode ser definido como o conjunto de imagens funcionando como sistema de referência para os indivíduos” (LIMA, 2014, p. 16). Pode, ainda, “ser entendido como um campo onde as imagens operam” (LIMA; NEIVA, 2021, p. 17).³

Partindo das considerações acima, entendemos que nos anos 1930 circulavam no Brasil quantidades incalculáveis de imagens que integravam a composição de imaginários racistas, por se tratarem de representações que reforçavam a crença na existência de raças humanas e na hierarquização das raças, de modo a contribuir para a manutenção sistemática da estrutura social racista no país. Em nossos estudos encontramos diversos exemplos de como os conteúdos publicados em *O Tico-Tico* contribuía para a composição destes imaginários. A revista publicava, por exemplo, páginas educativas que ensinavam aos leitores que as raças humanas eram realidades biológicas e que a raça branca era superior às demais raças. Um bom exemplo é a página *Populações e Raças*, publicada em *O Tico-Tico* em 15 de julho de 1936 (Figura 2). Na página, além de ensinar que as raças humanas existiam e a distribuição geográfica das mesmas no globo, a raça branca é apresentada como superior, por ser descrita como “dominante no mundo”.

² Itálicos no original.

³ Tanto as considerações de Almeida (2019) sobre raça e racismo, como as considerações de Lima (2014; 2021) sobre o imaginário dialogam com amplas discussões realizadas no campo dos estudos raciais e da historiografia. Não temos intenção neste estudo de aprofundarmos as discussões, procuramos apenas adotar como referência definições que nos possibilitem desenvolver as reflexões propostas.

Uma quantidade significativa das histórias em quadrinhos publicadas pela revista também reforçava a hierarquização das raças humanas a partir da representação de brancos como superiores e de não brancos como inferiores. No quadrinho *O Sonho de Lamparina*, por exemplo, do renomado artista J. Carlos, a personagem *Lamparina*, representação altamente estereotipada de uma menina negra, é desenhada como uma macaca, comendo bananas e pendurando-se em uma árvore pela cauda (Figura 2). Considerando este contexto, da integração de *O Tico-Tico* à composição dos imaginários racistas no Brasil, avançamos com o objetivo de refletir sobre o modo como *Terras Extranhas* participava dessas relações.



Figura 2: Populações e Raças, *O Tico-Tico*, n. 1606, 15/07/36. *O Sonho de Lamparina*, de J. Carlos, *O Tico-Tico*, n. 1297, 13/08/30. Acervo digital FBN.

***Terras Extranhas*: fórmula da aventura, gênero aventura na selva e o desenho dos quadrinhos**

A narrativa de *Terras Extranhas* pode ser enquadrada na definição da fórmula de aventura, conforme apresentada por John Cawelti em seu livro *Adventure, Mystery, and Romance: formula stories as art and popular culture* (1977). Na obra, a noção de fórmula é pensada como uma estrutura de padrões narrativos que é compartilhada por uma grande quantidade de obras individuais (CAWELTI, 1977, p. 5). Com relação à fórmula de aventura, a

estrutura narrativa centra-se na figura do herói, que supera diferentes tipos de obstáculos para cumprir com uma missão, normalmente de caráter moral (1977, p. 39).

O tipo de aventura variaria de acordo com a caracterização do herói, dos obstáculos e da missão. Entendemos que no caso das histórias de aventura nas selvas, como *Terras Extranhas*, esses três elementos seriam caracterizados a partir de sua relação com as “selvas”. O herói seria caracterizado na maior parte do tempo como um explorador branco que viaja pelas selvas (como *Jim das Selvas* e *Ted Towers*, de *Ted, o Caçador de Feras*) ou, então, como uma espécie de “rei das selvas” ou “deus branco das selvas” que habita as selvas, governando-as (como *Tarzan* e *O Fantasma*). Ao passo que os obstáculos seriam, normalmente, elementos representantes do aspecto negativo das selvas, como a natureza hostil (de fogos florestais, plantas carnívoras e areias movediças aos animais ferozes e monstros) e os nativos não brancos, caracterizados como canibais selvagens e primitivos. Por fim, a missão do herói também seria relacionada às selvas. Em *Terras Extranhas* e em muitas outras histórias, a missão do herói é encontrar tesouros escondidos nas matas, para que possam ser explorados por suas nações de origem. Outras missões típicas seriam a simples sobrevivência às selvas (muito comum em histórias de heróis náufragos) ou, ainda, o resgate de algum personagem branco perdido na natureza e/ou que fora capturado pelos nativos canibais.

Para além de apresentar a fórmula narrativa da aventura, *Terras Extranhas* pode ser considerado um quadrinho do gênero aventura na selva, marcado pelo emprego de convenções típicas deste modelo narrativo. Baseando-nos em Randy Duncan e Mathew Smith (2009), podemos considerar um gênero (genre) como uma forma de classificar conjuntos de histórias em quadrinhos que apresentam semelhanças no emprego de convenções como padrões narrativos, temas, cenário, tipos de personagem e técnicas artísticas. Segundo os autores, um quadrinho não precisa apresentar todas as convenções típicas para que possa ser enquadrado em determinado gênero, havendo certa maleabilidade no emprego delas. Inclusive, os autores defendem que a qualidade do quadrinho depende do equilíbrio entre a padronização do gênero e a apresentação de certos graus de originalidade (DUNCAN; SMITH, 2009, p. 196-201).

Terras Extranhas apresenta uma quantidade significativa de convenções que consideramos típicas do gênero aventura na selva. Nas próximas seções do texto, procuramos refletir sobre as formas como as convenções são mobilizadas na representação da África e no estabelecimento de hierarquias raciais por Oswaldo Storni em seu quadrinho. A análise será focada, em grande medida, no modo como essas convenções ganham forma no desenho de Storni. Se tomarmos Daniele Barbieri (2017) como referência, podemos entender o desenho como uma técnica de representação que é obrigada a “fazer uma seleção das características do

objeto que quer representar”.⁴ Ainda seguindo o pensamento de Barbieri, entendemos que diferentes aspectos do objeto poderiam ser selecionados/destacados na representação e que, por este motivo, o ato de desenhar não significa somente produzir uma imagem semelhante ao objeto, mas, sobretudo, “*criar imagens que destaquem os aspectos do objeto que são importantes para o discurso que se quer fazer*”⁵ (BARBIERI, 2017, p. 30-31). Partindo dessas considerações, interessa-nos refletir principalmente sobre os aspectos que se destacam no desenho de Storni, na articulação dos diferentes elementos da fórmula de aventura e das convenções da aventura na selva para o desenvolvimento de um discurso/narrativa sobre a África e hierarquias raciais.

Terras Extranhas e os temas da aventura na selva

O tema é uma das convenções mais importantes para os nossos propósitos. Conforme Duncan e Smith (2009), o tema é uma mensagem recorrente presente em uma narrativa individual ou num conjunto de narrativas. Ainda, os autores entendem que um tema pode ser inserido consciente ou inconscientemente pelos quadrinistas e a repetição da mensagem é um indicativo da importância deste na narrativa (DUNCAN; SMITH, 2009, p. 201).

No nosso entendimento, existem pelo menos quatro temas de grande importância e recorrência nas histórias de aventura na selva⁶: o “bem” *versus* o “mal”; o “homem” *versus* “natureza”; “civilização” *versus* “barbárie/selvageria”; “branco” *versus* o “não branco”. Esses temas são articulados de diferentes formas nas histórias do gênero, mas a principal seria na contraposição entre o herói e os obstáculos a serem superados. O herói é normalmente caracterizado como um homem branco, civilizado e bom (já que é um herói), ao passo que os obstáculos representam as diferentes facetas das selvas, da natureza em si (matas densas e animais, por exemplo) ao selvagem não branco (face humana da natureza). Embora nem sempre isso aconteça, é frequente que a contraposição entre o herói e essas forças da natureza se desenvolvam como a oposição entre o representante do “bem” *versus* o “mal”

Esses temas dialogam fortemente com o desenvolvimento dos imaginários racistas e colonialistas no mundo ocidental a partir dos processos de expansão colonial e imperialista europeia nos períodos Moderno e Contemporâneo. Dialogam com os processos de racialização do “Outro”, observáveis no exemplo de Stuart Hall (2016) em sua discussão do discurso de senhores de escravos estadunidenses sobre os escravizados. Conforme Hall (2016), trata-se de

⁴ Itálicos no original.

⁵ Itálicos no original.

⁶ Os temas da aventura na selva foram identificados em nossa pesquisa de mestrado. No caso, enfocamos apenas histórias em quadrinhos de aventura na selva publicadas em *O Tico-Tico* e *A Gazetinha* nos anos 1930 e 1940.

um discurso organizado em torno de oposições binárias, como a contraposição entre “civilização/branco” e “selvageria/negro”, estabelecendo ligações:

por um lado, entre as ‘raças’ brancas e o desenvolvimento intelectual – requinte, aprendizagem e conhecimento, crença na razão, presença de instituições desenvolvidas, governo formal, leis e ‘contenção civilizada’ em sua vida emocional, sexual e civil, os quais estão associados à ‘Cultura’. Por outro lado, a ligação entre as ‘raças’ negras e tudo que é instintivo – a expressão aberta da emoção e dos sentimentos em vez do intelecto, falta de ‘requinte civilizado’ na vida sexual e social, dependência dos costumes e rituais e falta de desenvolvimento de instituições civis, tudo isso ligado à ‘Natureza’ (HALL, 2016, p. 167-168).

***Terras Extranhas* e a África: um cenário selvagem, primitivo e infernal**

A estrutura narrativa da aventura na selva fundamenta-se, em grande medida, na relação entre os personagens e o cenário de selvas, de modo que a caracterização deste exerce função fundamental em *Terras Extranhas*. A narrativa avança na medida em que o protagonista *George Spot* e seus companheiros de viagem atravessam o continente africano, enfrentando os desafios e cumprindo com as missões associados ao imaginário das selvas.

Em *Terras Extranhas*, o cenário é apresentado como parte dos desafios que devem ser superados. Por isso, sua caracterização baseia-se, pelo menos parcialmente, na articulação dos principais temas da aventura na selva. Ou seja, o cenário é constituído de elementos que representam o oposto do herói. No quadrinho, Storni mobiliza aspectos comuns dos imaginários sobre a África para atribuir ao continente função narrativa de antagonista, caracterizando-o como um lugar em que predomina a natureza (em oposição ao homem), a maldade, a racialidade não branca e a selvageria. Nesse sentido, o título *Terras Extranhas* tem grande significado, pois destaca a importância da caracterização do cenário como o “Outro” na narrativa. O título direciona a leitura da África como uma terra estranha ao homem branco europeu, caracterizada como seu oposto. Essa estranheza indica o mistério, o desconhecido, que pode revelar maravilhas, como os tesouros perdidos, mas também perigos, como as selvas em si, os nativos, animais e monstros.

A primeira característica dessa representação da África como o “Outro”, reside no destaque à caracterização do continente como um lugar de natureza selvagem e hostil. No primeiro capítulo, publicado em 11 de novembro de 1936, por exemplo, a narrativa avança na medida em que o herói lidera os personagens através do cenário das selvas, superando-o. O embate principal acontece quando um leão, “rei das selvas”, “disposto a lutar contra o homem que lhe devassava os domínios”, ataca os personagens e é abatido por *Spot*, que desfere um tiro com sua “formidável carabina”. É significativo que o primeiro capítulo se encerre desta forma,

com o herói branco estrangeiro derrotando o “rei das selvas” africano, representando a superioridade da “civilização” contra a inferioridade da natureza. A nosso ver, é uma representação concisa da África como domínio da natureza selvagem, sendo conquistada pela civilização branca e estrangeira (Figura 3).



Figura 3: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1623, 11/11/36. Acervo digital FBN.

Em *Terras Extranhas*, a representação da África como lugar de natureza articula-se com a representação do continente como uma terra primitiva, que não evoluiu junto com o mundo e que, por isso, é habitada por dinossauros, monstros antediluvianos, povos em ruínas e selvagens animalizados. Em diferentes passagens *Spot* e os companheiros enfrentam monstros que simbolizam este aspecto da caracterização do continente, como no momento em que lutam contra um “dragão”, “animal antediluviano, que investiu furioso” contra os personagens ou, então, contra a “horrorosa figura de um homem-macaco, com mais de dois metros de altura, um verdadeiro King-Kong”, que tentou agredi-los com uma vara de ferro (Figuras 4 e 5). No caso de criaturas como o “homem-macaco”, existe uma referência explícita à ideia da África como um lugar onde o humano e o animal se confundem. Assim como à noção do africano como um ser tão primitivo que estaria biologicamente mais próximo dos símios, imaginados como ancestrais dos seres humanos.



Figura 4: Terras Extranhas, de O. Storni. O Tico-Tico, n. 1679, 08/12/37. Acervo digital FBN.



Figura 5: Terras Extranhas, de O. Storni, O Tico-Tico, n. 1626, 02/12/1936. Acervo digital FBN.

A associação da África ao primitivo e ao passado longínquo acontece em diversas passagens e é mobilizada para diferentes fins narrativos. Outro exemplo é o reino dos “homens múmias”, que é mobilizado não apenas como um desafio a ser superado pelo herói, mas também



Figura 7: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1664, 25/08/37. Acervo digital FBN.

***Terras Extranhas* e os tipos de personagem: a construção de hierarquias raciais**

Os tipos de personagens têm importância fundamental na estrutura narrativa de *Terras Extranhas*, sendo que a história avança na medida em que o herói e seus companheiros enfrentam diversos obstáculos das selvas, entre eles, os nativos selvagens. Nesta estrutura, cada tipo de personagem cumpre uma função narrativa. O herói – *George Spot* – protagoniza a história e a narrativa se desenvolve principalmente a partir de suas ações, direcionadas para a superação dos obstáculos e o cumprimento de suas missões. Os companheiros de viagem, como sua esposa *Maria* e o guia *Miquimba*, acompanham o herói em sua jornada e são mobilizados como ganchos narrativos (como nos momentos em que são sequestrados pelos nativos, exigindo que o herói se aventure nos territórios selvagens para resgatá-los). Já os selvagens exercem diferentes funções. Em alguns casos, atuam como aliados servís, abrigando o herói em suas aldeias e auxiliando-o. Na maior parte das vezes, contudo, são antagonistas, representando o mal que deve ser superado para que *George Spot* alcance seus objetivos.

Além de cumprirem essas funções narrativas, os tipos de personagem também são centrais na caracterização de *Terras Extranhas* como uma história de aventura na selva, a partir do desenvolvimento dos temas típicos “bem” versus “mal”, “homem” versus “natureza”, “civilização” versus “barbárie/selvageria” e “branco” versus “não branco”. Essas oposições

aparecem de diversas formas, a principal delas é o confronto entre *George Spot*, representante dos primeiros termos das oposições, e os selvagens, quase sempre caracterizados como uma amálgama dos segundos termos.

A estrutura narrativa básica do confronto entre herói e selvagens, assim como as caracterizações que associam os respectivos tipos de personagem aos temas da aventura na selva, podem ser observadas, por exemplo, na capa de *O Tico-Tico* com o anúncio de *Terras Extranhas* (Figura 1). Baseando-nos nos estudos de Vânia de Carvalho e Solange Ferraz de Lima (2012), podemos considerar o tipo como “um elemento que, por meio de suas particularidades concretas, representa uma classe de elementos semelhantes”, de maneira que “a individualidade daquele elemento serve para representar uma categoria geral” (CARVALHO; LIMA, 2012, p. 58). Na representação de *George Spot*, destacam-se elementos que referenciam a imagem do explorador europeu, entendido nos imaginários racistas e colonialistas do período como um modelo superior de ser humano, devido à sua brancura e seu estágio civilizacional. Para além das vestes bege e da arma de fogo, o capacete *pith*, em especial, remete a este imaginário. Com relação aos antagonistas do herói, a imagem associa-os aos elementos que os definem como selvagens negros, neste mesmo imaginário, com destaque à caracterização dos personagens por objetos que remetem a noções de selvageria e primitivismo, como as tangas, capacetes com chifres e as lanças, e ainda por elementos tipicamente empregados para inferiorização da racialidade negra no período, como os lábios grossos e coloridos.

A hierarquia racial entre os personagens desenvolve-se, desse modo, pela simples associação entre os tipos e os imaginários racistas e colonialistas vigentes. O explorador branco caracteriza-se como racialmente superior e os selvagens negros como racialmente inferiores, primeiramente, por remeterem a imaginários delimitados por esse tipo de lógica hierarquizante. A diferença entre o tipo e o estereótipo também atua nesta articulação entre os personagens e os imaginários. Para Carvalho e Lima (2012), o estereótipo define-se como uma derivação do tipo, “uma simplificação acentuada das características de um objeto, cena, situação, pessoa ou grupo cultural, étnico ou social” ou, então, “uma variação mais acentuada em torno de um núcleo duro de sentidos cristalizados e redutores” (CARVALHO; LIMA, 2012, p. 58). O desenho estereotipado dos personagens selvagens, feito com destaque a um conjunto limitado de referências imagéticas, a exemplo da lança e os lábios grossos, evoca de modo muito eficaz a noção de inferioridade racial cristalizada nos imaginários em questão.

De acordo com Stuart Hall, em *Cultura e Representação* (2016), o estereótipo é um modo de representação que, para além de reduzir a pessoa representada a traços mínimos, “*exagerados e simplificados*”, atua na naturalização e fixação da “diferença” (HALL, 2016, p. 190). No interior dos imaginários racistas e colonialistas, o estereótipo atua, assim, no estabelecimento

do branco como padrão de humanidade e do não branco como o “Outro”, o oposto da norma. A nosso ver, em *Terras Extranhas*, a oposição entre *George Spot* e os nativos também atua neste sentido, estabelecendo o herói como modelo de humanidade e seus antagonistas como “Outros”, menos humanos por serem selvagens e, também, por não serem brancos.

Para além da capa com o anúncio de *Terras Extranhas* (Figura 1), em diversas passagens do quadrinho este tipo de hierarquização racial desenvolve-se a partir do emprego de estilos gráficos diferentes para caracterização de brancos e não brancos. O desenho sistemático dos brancos em estilo realista e dos negros de forma estereotipada e caricatural, reforça a concepção de que os primeiros seriam mais humanos do que os segundos. Podemos observar este tipo de recurso na caracterização, por exemplo, da “tribu dos anões” selvagens, aliados dos protagonistas na luta contra os ferozes homens-leopardos (Figura 8).

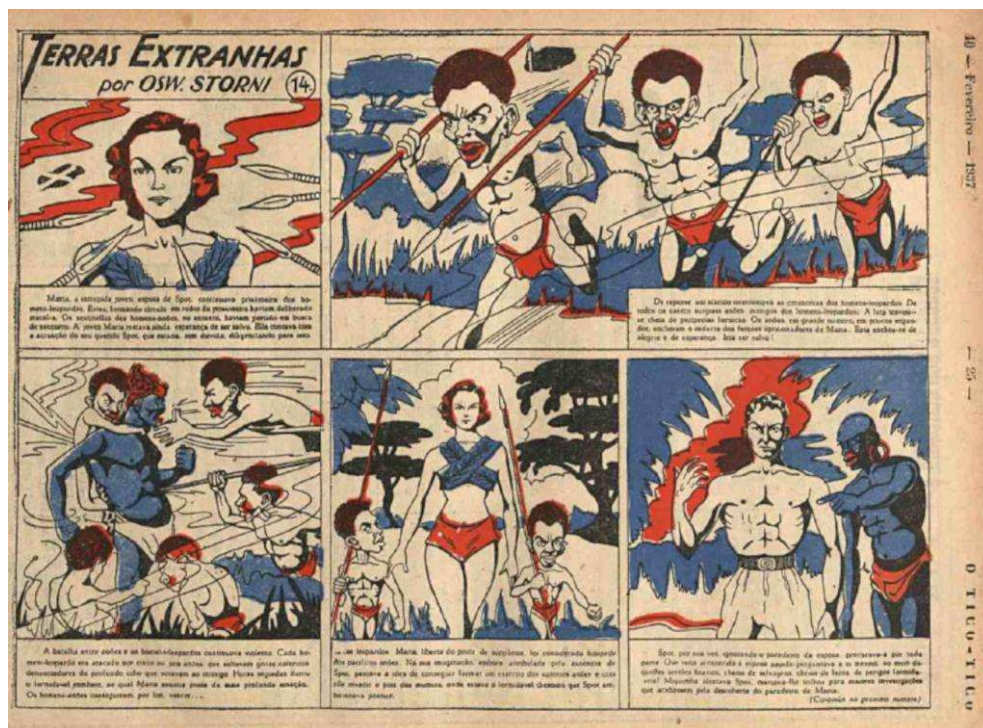


Figura 8: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1636, 10/02/1937. Acervo digital FBN.

Neste exemplo da “tribu dos anões”, é possível verificar, também, outra consequência desumanizante do emprego do estereótipo racial. O desenho de *George Spot* e *Maria* apresenta características individualizantes dos personagens, concedendo-lhes identidade pessoal. Ao passo que os selvagens negros são desenhados de forma altamente redutora e padronizada, sem características individuais, como se fossem apenas exemplos genéricos das noções de “selvagem” e “negro” e não seres humanos reais (Figura 8). Trata-se de um exemplo importante,

pois nos mostra como o efeito desumanizante do estereótipo não se limita apenas aos adversários do herói.

Em diversos momentos do quadrinho, a desumanização ocorre pela combinação do desenho estereotipado com a animalização mais explícita dos personagens negros. Em muitas ocasiões Storni caracteriza os supostos africanos como meio humanos, meio animais. É o caso dos “homens-leopardos”, enfrentados por *Spot* e seus companheiros, antes do encontro com os anões selvagens. No capítulo 12 de *Terras Extranhas*, publicado em 27 de janeiro de 1937, Storni desenha os homens-leopardos vestindo peles do animal referido sobre a cabeça e as costas, fundindo a imagem de ambos, homem e animal. Os selvagens aproximam-se furtivamente dos protagonistas, escondendo-se na grama alta. Depois, um dos homens-leopardos salta sobre *Spot* como se fosse realmente um leopardo dando bote (Figura 9).



Figura 9: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1634, 27/01/37. Acervo digital FBN.

A animalização completa-se no texto do capítulo: “Os homens-leopardos só tinham uma ocupação – matar homens brancos e devorá-los como se fossem, de facto, famintos leopardos das selvas africanas” (sic). Com o texto, evidencia-se o caráter racial da oposição animalizante, colocando-se de um lado os “homens-leopardos” e do outro os “homens brancos”. Por fim, com o exemplo dos homens-leopardos, podemos observar, ainda, como os diferentes temas articulam-se na caracterização dos personagens. Em nossa interpretação, o confronto entre *Spot* e os

homens-leopardo mobiliza com o mesmo peso a oposição entre homem e natureza e a oposição entre branco e não branco. Trata-se de um exemplo extremo do modo como a construção da hierarquia racial no quadrinho reforça a ideia do branco como padrão de humanidade, e do não branco como oposto deste padrão.

A hierarquia racial apresenta-se, ainda, nas relações de poder estabelecidas entre *George Spot* e os personagens negros. O exemplo mais constante apresenta-se na relação entre o herói e *Miquimba*, seu guia e companheiro de aventura. O personagem é caracterizado como escudeiro e como servo de *George Spot* e *Maria*. Storni evidencia, em diferentes momentos da narrativa, que a relação de poder entre os personagens é marcada por oposições raciais. Talvez o momento mais explícito seja a passagem em que o autor se refere a *Miquimba* como “fiel escravo negro” do herói, no capítulo de 10 de novembro de 1937. A fala encerra uma valorização implícita do senhor de escravos, já que *George Spot* é um herói. Com isso, Storni naturaliza não apenas o poder do branco sobre o negro, mas também a ideia de escravidão negra. Naturalizando, assim, a subserviência e a desumanização do negro.

Além disso, assim como ocorre com os antagonistas selvagens, a inferiorização racial de *Miquimba* também passa pela animalização. No capítulo seguinte ao confronto entre *Spot* e os homens-leopardo, por exemplo, *Miquimba* é desenhado caçando uma corça de modo muito semelhante ao visto na representação do bote do antagonista selvagem. A comparação entre *Miquimba* e os homens-leopardo é quase inevitável, se considerarmos que as imagens foram publicadas em sequência. Trata-se de mais um exemplo explícito da naturalização da inferioridade negra no quadrinho (Figura 10).



Figura 10: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1635, 03/01/37. Acervo digital FBN.

A relação de poder entre o herói branco e os personagens negros se mostra, também, na forma como *George Spot* se relaciona com os chefes das tribos com quem se encontra. O herói é desenhado sempre como equivalente ou superior aos chefes de tribo, independentemente destes serem inimigos ou aliados, como se a autoridade dos mesmos sobre o território não se aplicasse sobre o personagem. Este tipo de relação pode ser observado na postura desafiadora de *Spot* quando encontra o *Rei Negro*, que condena o personagem e *Maria* a serem amarrados em árvores, para serem devorados, à noite, por “fêras famintas”. Ou, então, na postura relaxada do herói diante do *Rei dos Anões*. No exemplo, *George Spot* é desenhado sentado de modo tranquilo e sorridente, dando às costas ao *Rei dos Anões*, sentado em seu trono (Figuras 11 e 12).



Figura 11: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1624, 18/11/36. Acervo digital FBN.

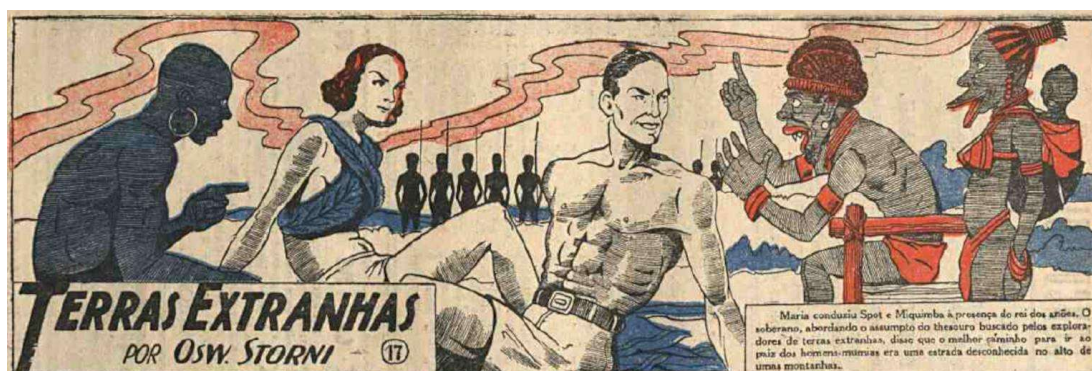


Figura 12: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1639, 03/03/37. Acervo digital FBN.

No fim da história, Storni destaca essa relação de poder entre o herói e os chefes de tribo. Na ocasião, *George Spot* e *Maria* encontram-se em uma pequena embarcação fluvial, dirigindo-se ao litoral do continente, para tomar um navio rumo à Inglaterra. Conforme escreve Storni, quando “o navio passava por uma aldeia indígena, os chefes das mesmas corriam para a praia para darem as despedidas ao grande chefe branco” (Figura 13). Consideramos que o exemplo pode ser interpretado como evidência de que, em *Terras Extranhas*, não apenas o herói não reconhece a autoridade dos chefes sobre o território, como também, estes consideram *George Spot* ao menos como igual. Como se o estrangeiro pudesse exercer o mesmo tipo de autoridade que os chefes sobre os territórios africanos.



Figura 13: *Terras Extranhas*, de O. Storni, *O Tico-Tico*, n. 1730, 30/11/38. Acervo digital FBN.

Considerações finais

No presente artigo, procuramos refletir sobre a representação da África e a construção de hierarquias raciais em *Terras Extranhas*, quadrinho de Oswaldo Storni publicado na revista *O Tico-Tico* entre 1936 e 1938.

A reflexão partiu, em um primeiro momento, da discussão do contexto de publicação de *Terras Extranhas*, focando duas questões principais: a integração do quadrinho ao mercado editorial e ao imaginário sobre raças humanas, nos anos 1930 no Brasil. Com relação a estes pontos, consideramos que *Terras Extranhas* teve um papel de destaque nos esforços de *O Tico-Tico* de adaptar-se às mudanças do mercado editorial no período. *O Tico-Tico* viu-se pressionado

pelo aumento da concorrência, com o surgimento de novos periódicos, como *O Suplemento Juvenil* e *O Globo Juvenil*, que popularizavam histórias em quadrinhos estadunidenses de aventura, como os famosos *Tarzan* e *Jim das Selvas*, por exemplo. Como resposta, a revista também começou a publicar quadrinhos de aventura que seguiam o modelo dos Estados Unidos. Com *Terras Extranhas*, como vimos, *O Tico-Tico* iniciava um novo momento de sua política editorial, acenando para o modelo estadunidense ao mesmo tempo em que reafirmava vínculos com a tradição da revista. Com relação à integração ao imaginário sobre raças humanas no período, apresentamos uma breve amostra de como *O Tico-Tico* contribuía para a reiteração da crença na existência de raças humanas e da hierarquização das mesmas. Levando em consideração este contexto, consideramos que *Terras Extranhas* integrava-se de diferentes formas ao imaginário racista, apresentando inúmeras representações que adotam os modelos hierarquizantes do imaginário como referência e reforçando as hierarquias, a partir do emprego de recursos típicos das histórias em quadrinhos e das convenções do gênero aventura na selva.

Em nossa análise do quadrinho, concluímos, ainda, que a representação da África e a construção das hierarquias raciais em *Terras Extranhas* têm forte vínculo com a estrutura narrativa da aventura na selva e, também, com o desenvolvimento dos temas “bem” versus “mal”, “homem” versus “natureza”, “civilização” versus “barbárie/selvageria” e “branco” versus “não branco”. Tanto a África como os africanos foram caracterizados como opostos ao herói *George Spot*, representação do ideal branco e europeu. Nesta oposição, a África e os africanos foram mobilizados, com grande frequência, como antagonistas a serem superados para que o herói pudesse viver sua aventura e cumprir sua missão, de encontrar tesouros perdidos, para levá-los à Inglaterra, sua pátria. A partir dessas oposições, também, Oswaldo Storni reforçou e naturalizou de diversas formas as ideias de superioridade branca e inferioridade negra.

Por fim, entendemos que o estudo da relação entre um quadrinho desta extensão e um tema de tamanha complexidade, como é o imaginário racista no Brasil, não poderia se esgotar em um artigo. Procuramos abordar outras questões referentes ao quadrinho *Terras Extranhas* em nossa pesquisa de mestrado. E temos intenção de aprofundar as reflexões em estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBIERI, Daniele. **As Linguagens dos Quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Cultura visual na era da reprodutibilidade técnica da imagem. **Dobras**, São Paulo, v.5 (n.11), p. 56-66, 2012.

CAWELTI, John G. **Adventure, Mystery, and Romance: formula stories as art and popular culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1977.

CHINEN, Nobu. Os personagens de quadrinhos estrangeiros na revista *O Tico-Tico*. In: SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **O Tico-Tico: 100 anos. Centenário da primeira revista de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2005, p. 98-103.

DUNCAN, Randy; SMITH, Matthew. **The Power of Comics: history, form and culture**. New York: Continuum, 2009.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HANSEN, Patrícia Santos. “A arte de formar brasileiros”: um programa de educação cívica nas páginas de *O Tico-Tico*. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e História da Educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 45-58.

LIMA, Solange Ferraz de. **Imagens das Imagens do SESC**. São Paulo: Edições SESC, 2014.

LIMA, Solange Ferraz de; NEIVA, Lucas Mello. A África nos Quadrinhos de *O Tico-Tico*, dos anos 1900 à década de 1930. **África(s)**, v. 8, n. 15, p. 15-41, 2021.

LINDEN, S. V. der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aspectos da linguagem, da narrativa e da estética das histórias em quadrinhos: convenções e rupturas. In: SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **A Linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica**. São Paulo: Criativo, 2015, p. 22-47.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Produção editorial de quadrinhos no Brasil: do surgimento ao Gibi. In: SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobuyoshi. **Gibi: A revista sinônimo de quadrinhos**. São Paulo: Via Lettera, 2012, p. 11-33.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **A Linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica**. São Paulo: Criativo, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro; SOUZA, Worney Almeida de. O declínio da revista *O Tico-Tico*. In: SANTOS, Roberto Elísio dos, e VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **O Tico-Tico: 100 anos. Centenário da primeira revista de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2005, p. 186-205.

Fontes

O TICO-TICO. Rio de Janeiro: O Malho, 1905-1977. 1905-1947. Disponível em <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>. Acesso em 19 de junho de 2022.

Recebido em: 19/05/2022
Aprovado em: 25/06/2022